

BrújulaVolume 10 • Spring 2015

Arquivo

De arquivos e bibliotecas

Leopoldo M. Bernucci University of California, Davis

Na irrefutável declaração de Marlene Manoff, de que "shrinking support for higher education and the embattled state of many libraries and university presses have increased many academics' awareness of that the archive is under siege" (13), parece haver uma inquietante profecia apocalíptica, a qual deveria ser suficiente para alarmar-nos. No entanto, como as igrejas e os templos, os arquivos e bibliotecas continuarão existindo, mesmo na chamada "digital age" e até em épocas de enormes mudanças curriculares nos meios acadêmicos dos nossos dias. Não há obviamente nostalgia nesta observação que acabo de fazer e que implica, lamentavelmente, a perda do costume de certas disciplinas, inclusive a minha em estudos literários, de incentivar os nossos jovens

investigadores à pesquisa dos arquivos. Como especialista em literatura, tenho por crença que as igrejas, templos, arquivos e bibliotecas são lugares que possuem uma aura sagrada; e o que é mais relevante, são lugares excelentes para a reflexão. Isto não quer dizer, que haja um "indiscriminado fetiche" neste modo de encarar os arquivos. Como sugere Dominick LaCapra, "the archive as fetish is a literal substitute for the 'reality' of the past which is 'always already' lost for the historian" (LaCapra 92). Não seriam então os arquivos, quando na falta de outros dados, um fator benéfico, contrariamente à tese que pretende desqualificá-los como mistificados? Os arquivos não são só depósitos de manuscritos ou papéis velhos, nem tampouco um lugar principal e somente para acumular informações impressas, como Michel Foucault nos ensinou já algum tempo. Além disso, os arquivos não armazenam informações passivamente; ao contrário, são eles lugares de conhecimento dinâmico, em rotação como diria Octavio Paz. São também "the general system of the formation and transformation of statements", segundo Foucault (*The Archaeology* 130).

É útil assentar tais considerações porque estas me servirão de base para construir outro importante argumento: os arquivos não são museus, mas sim lugares para descobertas e busca de conhecimento, muitas vezes de modo surpreendente e sem que o próprio investigador possa tê-los antecipado. Essa qualidade física que tem um arquivo é o que o faz diferir de um banco de dados, como assevera Ed Folsom: "Archive suggests physicality, idiosyncratic arrangement, partiality, while database suggests virtuality, endless ordering and reordering, and wholeness". 1 Minha experiência pessoal com arquivos tem sido reveladora porquanto ela sempre me inspira e ensina a viver com o desconhecido, com as dificuldades de decifração de manuscritos, ambos os desafios relacionados à tarefa interpretativa e organizadora dos escritos de um autor. Esta observação não é tão irrisória, dado que muitos dos manuscritos encontrados nos arquivos são rascunhos, transcrições de leituras, notas escritas ao correr da pena ou do lápis do escritor, e como tais, na maioria das vezes encontram-se em estado "desorganizado" ou possuem uma organização que somente faz sentido para cada escritor individualmente. Quando conseguimos, por fim, entender essa desorganização ou a decifração de um manuscrito, dá-se então um verdadeiro momento epifânico. Finalmente, as pesquisas de arquivo requerem tempo e paciência da parte do investigador.

Jorge Luis Borges, aquele investigador supremo dos arquivos e bibliotecas, nos demonstrou de forma brilhante através de seus textos a dinâmica e a magia das bibliotecas e dos arquivos. "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius", "La biblioteca total"², "La biblioteca de Babel", "Pierre Menard, autor del Quijote" e outros são os melhores exemplos de uma relação profunda entre o arquivo e o investigador. Deixemos este ponto claro. Os arquivos podem ser consternantes para seus usuários e também para aqueles responsáveis por eles, dado muitas vezes o volume imenso de papéis (e.g. manuscritos) para serem organizados, catalogados, lidos e preservados. O volume de papéis pode chegar a tal nível, como é o caso da coleção de Mark Twain, da Bancroft Library da Universidade da Califórnia-Berkeley, que foi preciso construir toda uma seção individual para o autor de Huckleberry Finn (1885), onde se operam as atividades aqui descritas e mais a das publicações *in progress* de seus manuscritos.

Durante os muitos anos de frequentar arquivos e bibliotecas, tenho tido gratas e ao mesmo tempo frustrantes experiências, semelhantes às que acabo de relatar e em ambientes quase completamente diferentes dos das instituições norte-americanas. Na grande maioria dos casos, as pesquisas que eu venho realizando, por mais de vinte e cinco anos em arquivos, ocorrem no Brasil, país em que o acesso a eles e a preservação de manuscritos pode ser um verdadeiro desafio.

Um dos temas de minhas investigações são os manuscritos do grande escritor brasileiro Euclides da Cunha. Ainda jovem, Euclides escreveu dezenas de poemas que até o ano 2009 não tinham sido todos publicados em forma de livro e, portanto, muitos deles totalmente desconhecidos pelos seus leitores. Por outro lado, foi no gênero ensaio que ele se consagrou como grande escritor latino-americano. Como ensaísta, Euclides publicou quatro livros, inclusive o seu monumental Os sertões (1902) e deixou um número considerável de textos inéditos em prosa, os quais estão sendo estudados por nós atualmente.

O presente estado dos manuscritos de Euclides da Cunha pode ser resumido da seguinte maneira:3

1) Poesia (1883-1909) - A maioria da produção poética do autor foi recolhida em um número apreciável de fontes, arquivos públicos e privados. Este trabalho de coleta e estudo dos poemas, realizado por mim e Francisco Foot Hardman, aparece no livro Poesia Reunida de Euclides da Cunha (2009), coeditado por nós dois. Este volume reuniu por primeira vez em um único livro 134 poemas de Euclides, dos quais mais de 60 eram inéditos.

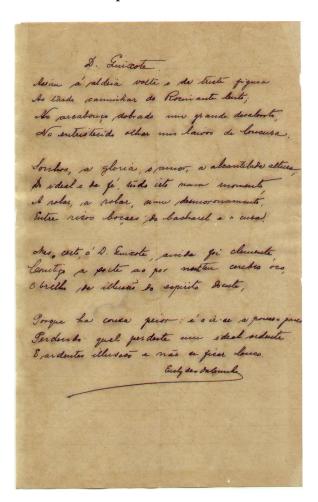


Fig. 1 Manuscrito de "D. Quixote". Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

2) Caderneta de Campo (1897) - Deste caderno de notas da época da Guerra de Canudos extrai Euclides informações várias (e.g. incidentes da guerra, fisiologia das plantas do deserto, modo de fala do sertanejo, observações sobre o clima dos sertões, etc.). O manuscrito deste caderno se encontra no acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro e foi estudado e publicado na sua íntegra por Olímpio de Souza Andrade em 1975, e reimpresso em 2009.

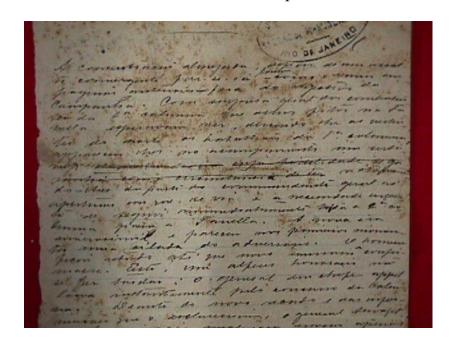


Fig. 2 Manuscrito da Caderneta de campo de E. da Cunha. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

3) Os sertões (1902) - Durante investigação realizada há mais de vinte anos, foi para mim desalentador descobrir que, para um livro de cerca de 600 páginas

publicadas, restaram somente 38 páginas manuscritas de Os sertões e que se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Realizei o trabalho de leitura e interpretação dessas páginas na década de 1990 e publiquei os resultados, segundo as normas da edótica, no meu livro A imitação dos sentidos (1995). Futuras pesquisas revelaram que havia ainda cerca de 15 páginas mais de texto

em outro acervo, desta vez o do Grêmio Euclides da Cunha, que correspondiam



às "Notas à 2a. Edição" acrescentada por Euclides ao Os sertões.

Fig. 3 Trecho do manuscrito de Os sertões. Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

4) Contrastes e confrontos (1907) - O que restou dos manuscritos dessa coletânea de ensaios de Euclides foram aproximadamente 42 páginas contendo esboços incompletos de alguns ensaios mas que, infelizmente, já não se encontram mais no seu arquivo original, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Estas páginas pertenciam a um caderno de notas do cientista brasileiro Teodoro Sampaio, amigo de Euclides, que também deixou no mesmo esboços importantes sobre a história colonial do Brasil.

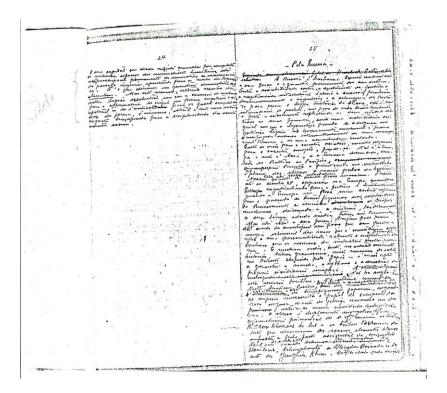


Fig. 4 Manuscrito de "Pela Rússia" (Contrastes e confrontos). Fonte: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

5) Peru versus Bolívia (1907) - Deste livro, fundamental para a compreensão do problema das fronteiras entre Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina, ficaram somente 37 páginas que se encontram no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

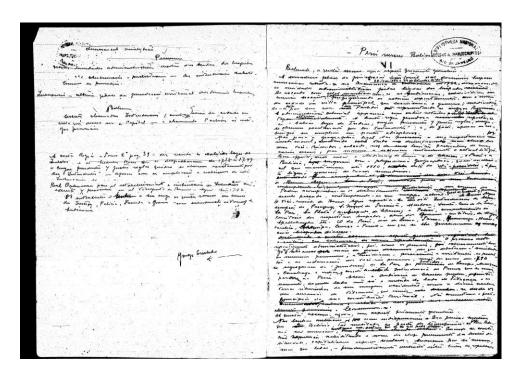


Fig. 5 Manuscrito do cap. VI de Peru versus Bolívia. Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

6) À margem da história (1909) - Alguns esboços de importantes ensaios de Euclides sobre a Amazônia estão contidos num caderno de notas do autor. Este caderno se encontra na biblioteca da Stanford University.



Fig. 6 Manuscrito do capítulo inicial de À margem da história. Fonte: Biblioteca da Universidade de Stanford, CA, U.S.A.

7) Textos diversos – Fazem parte desta miscelânea resenhas de livro escritas pelo autor, resumos de leituras, correspondência, ensaios esparsos, relatórios e ofícios para o Itamaraty, esboços de trechos para o nunca realizado projeto de Euclides, "Um paraíso perdido", rascunhos de discursos, pareceres técnicos de engenharia, trechos do prefácio para Inferno verde (1908) de Alberto Rangel e resumos de leituras que o autor incorporou em suas obras.

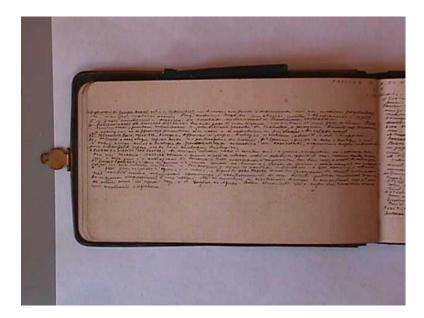


Fig. 7 Manuscrito de uma caderneta com notas sobre La Lutte des races de Ludwig Gumplowicz. Fonte: Arquivo do Grêmio Euclides da Cunha, S. José do Rio Pardo, SP, Brasil

A necessidade até hoje de um completo e rigoroso exame dos manuscritos de Euclides da Cunha deve-se principalmente à pobre qualidade das edições de seus livros, cujo trabalho de revisão, desde a época de suas primeiras edições até agora, é bastante falho. Deste quadro, de frases muitas vezes sem sentido, palavras de ortografia equivocada e citações incorretas, Os sertões (1902) se

salvou e teve melhor fortuna, dado que após a sua primeira edição passou ainda duas vezes pela revisão do próprio autor, o qual, como demonstram suas inúmeras emendas, fez bom uso de sua lima e introduziu mudanças substanciais nesta obra. Os próximos dois livros, Contrastes e confrontos (1907) e Peru versus Bolívia (1907) não tiveram igual sorte. Passaram ambos por mãos incautas de revisores pouco afeitos às dificuldades inerentes da linguagem de Euclides e ainda despreocupados do sentido da sua escrita. Este tipo de problema afetou também de modo não menos grave À margem da história (1909) que, como veremos, tampouco ficou isento de gralhas.

Na impossibilidade de relatar neste trabalho toda a complexidade da crítica textual e genética, bem como a da edótica, ligada à obra euclidiana, optamos por dar ao leitor uma visão global do principais problemas e, o que a meu ver é mais produtivo, dos ganhos que se obtém com este tipo de pesquisa. A começar pela revisão que fizemos da poesia do autor, cujos resultados foram publicados em Poesia reunida (2009), partimos da necessidade de se fazer um reexame de toda a produção poética disponível de Euclides da Cunha. O desafio não foi tão fácil de superar, mas os resultados foram absolutamente positivos. A pergunta que lançávamos na época era a seguinte: Por que a produção poética do autor ficou mais de um século quase completamente ignorada pelos críticos? A que se devia esta indiferença? Para esta última interrogante já havia até certo ponto uma resposta: a de que a qualidade dos versos do autor era muito inferior à da sua prosa, principalmente quando se pensa em *Os sertões*. Esta constatação se baseava também no pressuposto de que o grande livro tinha definitivamente feito sombra a tudo o mais que Euclides havia produzido. Porém, como a maioria de sua produção poética era desconhecida do público e até mesmo dos especialistas, abraçamos o repto de testar essa premissa.

Poesia reunida

O trabalho de reunião dos manuscritos e poemas, sempre mal publicados, em periódicos de difícil acesso hoje em dia foi árduo e frustrante, porém compensador. Além de restabelecer os textos, tarefa às vezes difícil, e de mecânica lenta e não tão prazerosa, pudemos passar da instância da paleografia para a da crítica textual e literária obtendo-se ótimos resultados. Um dos exemplos desse sucesso que gostaria de registrar aqui é o da redefinição crítica do perfil literário de Euclides que, sob muitos aspectos, era considerado até então escritor eminentemente positivista. Contrariamente a esta falsa visão que uma certa crítica havia criado e repetido ad nauseam, confirmamos, depois de uma avaliação cuidadosa da sua poesia e futuras reflexões em torno do tema, que Euclides estava e sempre esteve justamente no lado oposto dessa corrente filosófica. A bem da verdade, o Positivismo teve um impacto muito curto na sua vida de estudante. Argumentar-se-á que o seu lado científico sempre informou a sua literatura. No entanto, isto não deveria servir para colocar-lhe peias de escritor fiel à escola de Augusto Comte.⁴

Os aspectos românticos da sua poesia tornam-se evidentes no momento inicial em que nos adentramos no universo de "Ondas", primeiro e único caderno de poesia contendo 78 poemas do autor. Data esta produção dos anos 1883 e 1884 e o que convencionamos chamar aqui poesia romântica é aquela que aparece informada pelas distintas vertentes de um Romantismo rico, multifacetado e contraditório como o foram suas vertentes no século XIX, na Europa e no Brasil. Portanto, ali encontraremos versos nacionalistas de ataque à monarquia e de apologia das lutas republicanas; hugoanos ou condoreiros, de exaltação dos feitos e principais personagens da Revolução Francesa e da representação das misérias da vida; versos anticlericais, antiescravistas, byronianos, metafísicos com discretas inflexões amorosas e de fundo histórico.⁵

Os sertões

A reavaliação, portanto, da produção poética de Euclides com base nos seus manuscritos nos ajudou a tomar consciência de que a sua produção poética não era nada "desprezível", como alguns pensavam; muito pelo contrário. Novamente, auxiliou-nos ainda a reconfigurar a sua personalidade literária devedora de um Romantismo que o marcou até os últimos anos de sua vida. Baste observar o uso que ele faz dos aspectos folclóricos na lida com o gado em Os sertões, dando a devida atenção a um dos episódios mais comentados, o do estouro da boiada (E. da Cunha, Os sertões 224-226), estilizado ao gosto das composições de colorido local próprias desse movimento literário do século XIX.

Mas se a dimensão romântica da obra do autor ficou amplamente comprovada, melhor conclusão tiramos ao constatar que classificá-lo com um ou outro ismo seria empobrecer ou limitar a sua personalidade tão dada a absorver impulsos artísticos vários, e que por esta mesma razão pedia que considerássemos neste amplo espectro, no qual o autor se instalava, categorias como Romantismo, Naturalismo e Parnasianismo, todas ao mesmo tempo.

E importante salientar também, para ter-se uma ideia da relação entre os diversos textos manuscritos e as edições impressas de Os sertões, que através da análise textual pôde-se conhecer melhor o método de citação de Euclides e as dificuldades encontradas por ele ao deparar-se com um verdadeiro aluvião de informações, vindas na sua grande maioria dos jornais, sobre a guerra de Canudos. Note-se, por exemplo, o que ocorre com o assalto do dia 19 de janeiro de 1897 em Tabuleirinhos. Estamos ainda no início da campanha contra Canudos sob o comando do major Febrônio de Brito, aquele mesmo líder militar que vergonhosamente bateu com suas tropas em retirada depois de um assalto em que o exército não logrou medir forças com os canudenses. Na versão livresca desse capítulo da história da guerra de Canudos, que preludia outras tragédias piores ainda, Euclides identificou um líder dos conselheiristas cujo nome, segundo ele, "ficou desconhecido à história" (E. da Cunha, Os sertões 401). Identificar o cabecilha dos jagunços que lutaram nesse combate tinha o efeito de resolver a incógnita diante do pasmo que invadira os militares. Como era possível que um bando de jagunços vivendo no deserto pudesse espantar tropas bem aparelhadas do exército? Resposta: só um grande líder em estratégia militar poderia conseguir essa vitória. Esse líder era o major Seriema/Sariema, segundo algumas fontes de informação. Então, Euclides foi a essas fontes (e.g. declarações de Febrônio de Brito, Jornal de Notícias, depoimentos de Edgar Henrique Albertazzi, *Os jagunços*) para chegar à conclusão de que seria arriscado identificar este líder que comandou os jagunços nesse conflito com o major Seriema/Sariema, nome que aparece somente em dois dos textos consultados (Albertazzi e Jornal de Notícias). Mas esse personagem heroico, de qualquer forma, agradou-lhe e acabou entrando para a Caderneta (E. da Cunha, Caderneta 96), plasmando-se também no ms (Bernucci, A imitação 226-237), para depois se tornar, finalmente, anônimo em Os sertões.6 Com certeza Euclides duvidou da identidade do autor dos feitos que apareceria sob o nome de Seriema/Sariema naquele episódio específico da campanha, sem descartar no entanto a possiblidade de que, sim, esse comandante existia, como ficou registrado na galeria das principais figuras de Canudos em Os sertões (E. da Cunha, Os sertões 312).

Como última observação para o caso de *Os sertões*, o *ms* nos serviu para dilucidar uma noção importante que Euclides desenvolve num determinado trecho do livro que ele traduz e utiliza para explicar a psicologia das massas e o

contágio que estas sofrem a partir do comportamento de um único indivíduo. Trata-se da seguinte passagem:

> É que um exército é, antes de tudo, uma multidão, "acervo de elementos heterogêneos em que basta irromper uma centelha de paixão para determinar súbita metamorfose, numa espécie de geração espontânea em virtude da qual milhares de indivíduos diversos se fazem um animal único, fera anônima e monstruosa, caminhando para dado objetivo com finalidade irresistível." (E. da Cunha, Os sertões 458)

Esta citação que aparece entre aspas, mas sem indicação de sua fonte em Os sertões, foi somente possível identificar através do estudo do ms. Neste, à pág. 38, Euclides alude a Friedrich Heinrich Jacobi, que por sua vez é citado em *La Foule* criminelle de Scipio Sighele, e que por sua vez cita Gabriel De Tarde, autor do parágrafo acima extraído de *La Philosophie pénale*. Portanto, vê-se que para chegar a De Tarde tivemos que percorrer um caminho algo tortuoso, partindo de Jabobi, passando por Sighele, para depois chegar à fonte utilizada por Euclides, De Tarde, cujo texto original foi copiado pelo escritor brasileiro, com toda certeza, a partir do livro de Sighele:

Une foule - écrit M. Tarde - est un ramassis d'éléments hétérogènes, inconnus les uns aux autres; pourtant, dès qu'une étincelle de passion, jaillie de l'un d'eux, électrise ce pêle-mêle, il s'y produit une sorte

d'organisation subite, de génération spontanée. Cette incohérence devient cohésion, ce bruit devient voix, et ce millier d'hommes pressés ne forme bientôt plus qu'une seule et unique bête, un fauve innommé et monstrueux, qui marche à son but avec une finalité irrésistible. (Scipio Sighele, *La Foule criminelle* 30)

Caderneta de campo

Observemos agora o que ocorre com a Caderneta de campo (1975). O caso do manuscrito deste caderno de notas é verdadeiramente curioso porque por um lado ilumina áreas obscuras de compreensão e genética textual de *Os sertões*, mas por outro a sua versão publicada deixa muito a desejar no que tange à confiabilidade de sua leitura. Isto é, a enorme quantidade de erros de transcrição termina comprometendo a credibilidade do texto. Entre os pontos positivos desse manuscrito e de sua transcrição paleográfica, realizada por Olímpio de Souza Andrade e Joel Bicalho Tostes, estão aquelas páginas em que uma expressão latina, sine calcis linimento (E. da Cunha, Caderneta 12, 49), aliás empregada várias vezes por Euclides em seus textos, revela explicitamente a sua fonte: a obra do distinto historiador português Joaquim Pedro de Oliveira Martins; como também frequentemente encontramos outras anotações de fontes do mesmo autor, agora implícitas, menos técnicas e de alta relevância para se compreender a relação de Euclides com seus prógonos. Estas anotações extraídas de dois livros importantes de Oliveira Martins, quando glosadas em Os sertões, perdem a sua paternidade, dando-nos a impressão de que saíram exclusivamente da forja de Euclides. Vejamos um exemplo:

Feitas de pau- a- pique e divididas em três compartimentos minúsculos, as casas eram paródia grosseira da antiga morada romana: um vestíbulo exíguo, um atrium servindo ao mesmo tempo de cozinha, sala de jantar e de recepção; e uma alcova lateral, furna escuríssima mal revelada por uma porta estreita e baixa. Cobertas de camadas espessas de vinte centímetros, de barro, sobre ramos de icó, lembravam as choupanas dos gauleses de César. Traíam a fase transitória entre a caverna primitiva e a casa. Se as edificações em suas modalidades evolutivas objetivam a personalidade humana, o casebre de teto de argila dos jagunços equiparado ao wigwam dos Peles-Vermelhas sugeria paralelo deplorável (E. da Cunha, Os sertões 292).

As partes sublinhadas do texto acima indicam dois pontos centrais desse trecho de *Os sertões*, todo ele imitado a partir de ideias contidas no livro *Quadros* das instituições primitivas (1883) de Oliveira Martins, título que nunca aparece em Os sertões. A saber, os dois pontos são: 1) a arquitetura das casas dos canudenses, lembrando a da dos gauleses à época das conquistas de César; 2) uma máxima: "a moradia é um reflexo da personalidade de quem mora"; o que significa também que os casebres de Canudos ao equiparar-se aos wigwams dos Peles-Vermelhas da América do Norte, demonstram um lamentável atraso na história da evolução dos povos.8 Ora, esta comparação não segue a lógica do historiador português porquanto Oliveira Martins, ao mencionar o wigwam não estabelece uma referência direta às edificações e suas modalidades evolutivas, mas sim a sinais da transição de uma vida nômade para uma fixa do nativos norte-americanos. Nunca saberemos por quê Euclides se desviou de Oliveira Martins e de suas próprias anotações na Caderneta (E. da Cunha, Caderneta 156).

Para concluir com esta breve análise deste importante manuscrito, fiquemos somente com mais alguns exemplos. Troca-se nas duas edições impressas da Caderneta "foi atravessado a chuço e morreu" por "foi atacado e morreu" (E. da Cunha, Caderneta 98); "A artilharia puxada à mão" por "A artilharia passada à mão" (E. da Cunha, Caderneta 98); "Porteira Velha" por "Pastaria Velha" (E. da Cunha, Caderneta 113). Tais e muitos outros são os erros de transcrição que sobreviveram às duas edições da *Caderneta* e que demonstram a necessidade de leituras e revisões cuidadosas dos editores. Por fim, a Caderneta mostra a importância que os jornais da época tinham para Euclides, que os utilizava como uma de suas mais ricas referências acerca da guerra e da vida dos sertões. Neste caso, a dívida de Euclides para os periódicos, como o Jornal de Notícias (E. da Cunha, Caderneta 97, 122, 123, 150, 152) e o Diário de Notícias (E. da Cunha, Caderneta 122), é imensa. 10 Acresce-se à esta contribuição esta outra, não menos valiosa, que indica uma trindade de autores românticos com os quais Euclides "dialogou": Júlio Dinis, José de Alencar e Walter Scott (E. da Cunha, Caderneta 86-87), informação que confirma as suas leituras e a afinidade do escritor com esta escola literária como já declaramos.

Contrastes e confrontos

Com respeito a Contrastes e confrontos (2009) o cotejo entre manuscritos e textos pode apresentar resultados surpreendentes. Tome-se como exemplo o curto ensaio deste livro, "A missão da Rússia" (no ms "Pela Rússia"), em cuja primeira frase Euclides declara: "A Rússia é bárbara" (E. da Cunha, Contrastes e confrontos 73). É assim como ele assenta a tese do ensaio para poder defendê-la, tese aliás não sua, mas de Havelock Ellis, desenvolvida em "The Genius of Russia", artigo de 1901 para a revista Contemporary Review, que não aparece no ensaio de Euclides, mas a cujo autor, a propósito de outra tese ("o centro da vida universal dos povos tende a deslocar-se para o Pacífico..."), Euclides fará referência no final de "A missão da Rússia". 11

Para a cabal compreensão do conceito de barbárie atribuído à Rússia como nação, o manuscrito euclidiano nos ajuda precisamente num ponto em particular. Antes da frase-tese que inicia o ensaio, na sua primeira rasura lê-se:

Segundo uma observação feliz de Havelock Ellis os três estádios A Rússia é bárbara. (ms)

Ora, aqui está apenas aludida e portanto incompleta a teoria sociológica de Ellis sobre o desenvolvimento dos povos que agradaria a Euclides:

Among the nations of Europe, it has sometimes seemed to me, we may find perfected examples of all three stages of culture, --savagery, barbarism and civilisation, --through which a nation is supposed to pass in the long course of its development (Ellis, "The Genius of Russia" 429).

Na expansão dessas ideias, ficaram ocultas no manuscrito de Euclides as nações que correspondem, a título de exemplo, a esses três estádios. Ellis, ao contrário, traça a correspondência entre estes e aquelas. A selvageria corresponde à Espanha, a barbárie à Rússia e a civilização à França. É ainda através do manuscrito desde ensaio que somos levados à revisitar o binômio civilizaçãobarbárie que Euclides já muito antes não somente discutira mas problematizara a partir de Os sertões. Aqui com o auxílio do texto de Ellis, pode-se uma vez mais testemunhar a relativização dessa antítese cujos termos, ao abandonar suas definições de origem, passam por uma metamorfose de seus significados. "A Rússia é bárbara", declara desapiedadamente Euclides. Ao invés de fixá-los, busca-se um modo transformador para cada um dos seus sentidos, como se Euclides estive dizendo o que dirá Walter Benjamin mais tarde sobre eles: "There is no document of civilization which is not at the same time a document of barbarism" (Benjamin, *Illuminations* 256).

Peru versus Bolívia

Deixando de lado estas questões indiscutivelmente transcendentais, passemos agora a examinar algumas de caráter semântico e de datação no

próximo livro de Euclides, Peru versus Bolívia. Novamente, o que pretendemos apresentar é apenas uma pequena amostra para que o leitor faça ideia da natureza dos problemas que poderá encontrar nas edições do autor. Relegadas a anos de leituras pouco cuidadosas e de uma falta quase absoluta de comentários críticos, principalmente no Brasil—e isto num país onde Euclides está entre os três maiores escritores de todos os tempos! — a produção euclidiana, com exceção de Os sertões, tem sido também prejudicada pela falta de cuidado editorial. Comparem-se os seguintes trechos:

...um garboso fidalgo, ciumento de suas ...um garboso fidalgo, ciumento de comendas, de sua <u>linhagem</u>, de sua suas comendas, de sua <u>linguagem</u>, de bravura... (ms) sua bravura... (E. da Cunha, Peru versus Bolívia (Fco. Alves) 104).

Na época, este tipo de descuido da parte do tipógrafo ou revisor e sendo um dos mais comuns, quando detectado a tempo de se lançar o livro ao mercado, exigia normalmente uma seção conhecida como "erratas" ou lista das gralhas contidas no texto e que em geral aparecia no final do livro. No caso de Contrastes e confrontos, Peru versus Bolívia (da Typ. do "Jornal do Commercio") e À margem da história, sabe-se com certeza que foram somente estas duas últimas obras que tiveram a fortuna de passar por uma revisão final, como indica a seção das erratas que aparece no final de suas respectivas primeiras edições. Mais adiante comentaremos uma particularidade editorial de À margem da história e, para não desviarmos do assunto, observemos que erros destas natureza, como os dos dois exemplos que seguem, até hoje não foram corrigidos, prejudicando sobremaneira a compreensão dos textos euclidianos. 12 O leitor há de convir que legal não é o mesmo que geral, nem justas reglas se iguala a sabias reglas:

Mas para a geografia legal das Mas para a geografia geral das possessões (E. da Cunha, Peru versus possessões (ms) Bolívia 122)

A Carta-Régia geradora reporta-se às A Carta-Régia criadora reporta-se às "sabias leyes de Indias, cuyas "sabias leyes Indias, de prudentes y sabias reglas..."(E. da prudentes y <u>justas</u> reglas..."(ms) Cunha, Peru versus Bolívia 122)

Os erros de datação, para estudos de história nos quais um máximo grau de precisão se faz necessário, podem contribuir de modo mais grave ao cenário da erratas de um livro. É lícito pensar que Euclides, quando escreveu *Peru versus* Bolívia, ainda estava aprendendo sobre a história da formação das nações latinoamericanas, tema que cala fundo no livro. Ou não, que o nosso autor tivesse já assinalado os dados corretamente, a partir do manuscrito, como o cotejo abaixo poderá indicar. Mas a própria hipótese se fundada em melhores razões, como o cuidado que tinha Euclides para os dados da história, não é suficiente para explicar a complexidade desta publicação em particular. Lembremos que Peru versus Bolívia teve duas "primeiras" edições no mesmo ano de 1907. A primeira, impressa pela Typografia do "Jornal do Commercio" e a segunda, parcialmente revisada, pela Livraria Francisco Alves que também utilizou as instalações tipográficas do "Jornal do Commercio" para a sua impressão. Portanto, as duas

edições são quase idênticas, ambas coincidindo também na paginação, exceto pela epígrafe extraída de Victor Hugo que não aparece na folha de rosto e a ausência da seção intitulada "Errata" na edição da Francisco Alves. Portanto, conclui-se que a edição da Francisco Alves é posterior à da do "Jornal do Commercio", já que as gralhas apontadas na "Errata", desta última edição foram corrigidas na edição daquela. Porém é difícil entender porque como vimos acima uma edição que se supunha "corrigida", a da Liv. Francisco Alves, incorre em erro semântico (linguagem) quando a outra edição, a da Typ. do "Jornal do Commercio" acerta (linhagem). Mas o problema não termina aqui e mostra até que ponto o desleixo editorial pode comprometer a qualidade de um livro.

A própria "Errata" da edição impressa pelo "Jornal do Commercio" contém duas falhas: uma de ortografia e outra de indicação de página, trocandose assim *traduzindo-se* por *traduziu-se* e 55 por 51.¹³ Este estranho conluio de dois tipos de erros dentro de uma "Errata" poderia ser suficiente para nos deixar admirados quanto ao descuido dessa primeira impressão de Peru versus Bolívia. Todavia, há algo mais abominável que surpreende e que vale a pena mencionar. Trata-se da nota do editor, logo após a lista das erratas: "E outros [erros] mais facilmente corrigíveis". Sem comentários...

O seguinte exemplo mostra com clareza, além das variantes notadas entre a versão manuscrita e as impressas, a dificuldade de se estabelecer a datação correta para esse momento histórico importante de que fala Euclides. Logicamente, a versão do "Jornal do Commercio" que será corrigida assume um erro cuja diferença histórica é de um século! Quanto às outras duas versões (ms e Fco. Alves), embora havendo uma discrepância de apenas vinte anos, esta não deixa porém de ser uma discrepância. Contudo, não afastemos a cojetura de que o próprio Euclides tenha corrigido a data de 1796 para 1776.

dominar diminuíra, não diminuíra, se estendia, nem mesmo estendia, virtualmente, até margens do (ms)

não nem às estender-se, até "Iornal do Commercio" 133)

Em 1796, o Vice-Reinado Em 1876, o Vice-Reinado, Em 1776, o Vice-Reinado, do Peru, porque a sua cuja capacidade política cuja capacidade política capacidade legal para para o domínio tanto para o domínio tanto se diminuíra, não visava estendia, nem visava às estender-se, até às Madeira. margens do Madeira. margens do Madeira. (Peru versus Bolívia, Typ. (Peru versus Bolívia, Fco. do Alves 133)

Que Euclides manejasse o espanhol escrito de forma imperfeita fica claro nas tantas transcrições que ele faz de documentos em castelhano em Peru versus Bolívia e, em alguns casos em À margem da história. Que o nosso autor também gostasse de parafrasear é também um dado conhecido e que explica a relação que tinha Euclides com suas fontes. Deixando de lado a ortografia antiga da fonte (anexo 56 da Colección) que ele utiliza no ms, concentremo-nos no modo como Euclides transcreveu o texto em espanhol para o *ms*.

al Presidente y [a al Presidente y [a al Presidente y [a al Presidente y [a la] Audiencia de la] Audiencia de la] Audiencia de la] audiencia de Charcas cuanto Charcas quanto Charcas quanto Charcas quanto hallareis juzgasse julgasse conveniente julgasse conveniente conveniente variar conveniente variar variar para el variar para meior para el mejor mejor gobierno de mejor gobierno de para gobierno de los gobierno de los los pueblos tanto los pueblos tanto

espiritual como en lo espiritual como en lo en temporal pues este temporal, pues este tribunal proceder examen de puntos que les puntos propongais y determinar lo que hallare hallare justo bien por sea si dandome cuenta de lo que necesite mi Real determinación... (Colección 24)

pueblos tanto en lo pueblos tanto en lo en lo espiritual como deberá tribunal deberá al proceder al los examen de los y determinar lo que justo [incompleto]... (ms)

lo temporal, pues este tribunal deberá proceder al examen de los puntos hallare justo , sea por si, ó dandome si, determinacion... (Peru versus 1a. Bolívia, Commercio" 108)

en lo espiritual como en el temporal, pues este tribunal deberá proceder al examen de puntos determinar lo que determinar lo que allare justo, sea por dandome cuenta de lo que cuenta de lo que nécessite mi Real nécessite mi Real determinacion... (Peru versus ed., Bolívia, 1^a . ed., Typ. do "Jornal do Livraria Francisco Alves 108)

Substituindo o verbo hallar por juzgar e descuidando-se da ortografia (quanto em vez de cuanto e juzgasse em vez de juzgase), Euclides omite parte da citação (que les propongais) sem prejuízo de sentido; e aperfeiçoa a pontuação. Na versão impressa de 1907, notamos que o texto em vez de melhorar quanto à questão ortográfica, piora. Emprega-se um "portunhol" que, decididamente, atrapalha a leitura, e corrigem-se possíveis "erros" que não são erros, cometendo-se outros (a troca do lo por el; um acento e um s desnecessários em nécessite). E, algo inexplicável para mim, a mudança na publicação de 1907 pela Francisco Alves da forma verbal correta hallare por allare.

À margem da história

Chegamos, por fim, ao caderno de notas que contém ensaios do último livro de Euclides, À margem da história. Para ilustrar os tipos de problemas com os

quais o pesquisador se confronta ao comparar seus textos com os das versões publicadas, utilizarei o ensaio de abertura do livro de Euclides, "Terra sem história (Amazonia): impressões gerais".

Surpreende-nos já de início que o título orginal deste ensaio apareça no ms com sua idea central modificada: "Preliminares - A Baixada Amazônica. História da terra e do homem", indicando que Euclides em algum momento pensou ser possível escrever uma história da Amazônia e logo abandonou esta ideia, preferindo questionar, já em termos historiográficos, a viabilidade de se poder contemplar ou mesmo escrever uma história da Amazônia. Em linhas gerais, os dois textos, o ms e o publicado são parecidos e suas teses semelhantes, não havendo grandes surpresas nem diferenças fundamentais no desenvolvimento dos conceitos.

"amazonas" de Orellana, Dorado" formam, no passado, tão deslumbrante ciclo mitológico, acolchetam-se em nossos dias às mais ciência. (*À margem 7*) imaginosas hipóteses científicas. (ms)

os As "amazonas" de Orellana, titânicos "curiquerês" de Christóvam titânicos "curiquerês" de Guillaume de da Cunha, os "geants riches en or" de L'Isle, e a "Manoa del Dorado" de Guillaume de L'isle, e a "Manôa del Walter Raleigh, formando no passado, de Walter Raleigh, que um tão deslumbrante ciclo quase mitológico, acolchetam-se em nossos dias às mais imaginosas hipóteses da

Em todas as edições de À Margem da história, o nome dos índios curiguerés (do espanhol) está incorretamente grafado (e.g. *curiquerês* na 1ª. ed., p. 7; e *curriquerês* na Obra completa 133). Aparece também erroneamente creditado a Guillaume de L'Isle nas versões impressas. Com a leitura do presente manuscrito, foi possível

observar que o erro não é de Euclides, o qual atribuiu corretamente o uso do nome dessa etnia indígena ao jesuíta Cristóbal de Acuña, cronista da viagem de Pedro Teixeira ao Amazonas em 1639.14 Trata-se, certamente, de erro editorial ou gráfico. Com efeito, além do nome de Acuña, que originalmente identificou os curiguerés, ficou também faltando, nas edições de À margem da história, um epíteto pertencente a Guillaume de L'Isle: "geants riches en or", que este cartógrafo francês utilizou em seu mapa (Carte de la Terre Ferme du Perou, du Bresil et du Pays des Amazones, 1703). Ora, de L'Isle não aplicou este epíteto (e aqui há outro equívoco) aos curiguerés e, sim, aos "Mutuanis que lón dit etre des geans riches en Or, habitans a 2. Mois dechemin de lem bouchure de la Riviere"15, tendo o cartógrafo francês manuseado, certamente, o texto de Acuña como fonte. Se Euclides também utilizou esta fonte de Acuña e essa passagem sobre os nativos da Amazônia, com certeza notou que o padre espanhol fala também de uns índios "Gigantes de diez y seis palmos de altura, muy valientes; andan desnudos, traen grandes patenas de oro en las orejas, y narices..." (de Acuña, Nuevo descubrimiento 30). A supressão deste trecho do ms nas versões publicadas, possivelmente, passou despercebida a Euclides durante a leitura das provas do livro, realizada um mês antes de morrer.



Fig. 8 Carte de la Terre Ferme du Perou, du Bresil et du Pays des Amazones (1703) de Guillaume de L'Isle. Fonte: David Rumsey Map Collection

Cabe ainda acrescentar no contexto trágico dos dias que preludiaram a sua morte, uma importante nota dos editores portugueses de À margem da história, impressa no final do livro, e que agora transcrevo:

Quando se procedia à composição deste livro, feita sobre o original, a morte, tragicamente, abruptamente, veio roubar-lhe o carinho desvelado, que o autor lhe prestava na sua revisão, atenta à nova grafia da Academia Brasileira. Não podendo portanto ser totalmente feita pelo malogrado

escritor, julgamos que a edição nada sofrerá em relação à grafia, não só pela orientação comunicada por Euclides da Cunha, mas também pela acurada atenção prestada à obra depois do fatal acontecimento, que tanto nos contristou. O malogrado escritor reconheceu o cuidado havido, pois que na última carta que nos dirigiu, datada de 25 de julho de 1909, diz assim:

"Recebi ontem as provas do livro e hoje as devolvo, revistas. Como verão, a nova grafia da Academia continua a perturbar-me grandemente na revisão. Devo aceitá-la por coerência; mas na realidade atraído por tantos afazeres, não tive ainda tempo de exercitá-la. As minhas próprias cartas denotam esta desordem gráfica. Em geral, obedeço por hábito. É feição antiga.

Felizmente, o revisor de V. S. não procede mecanicamente, como quase todos; é realmente homem inteligente e acautelado - como demonstram as últimas provas que recebi..." (E. da Cunha, À margem da *história* s/n)

Este texto, que inclui esta, que foi uma das últimas cartas de Euclides, é seguido de uma curta lista de 17 erratas, na última folha da primeira edição. Pobre Euclides que querendo confiar no revisor anônimo já não dispunha de tempo e, quem sabe, nem de espírito para mais um trabalho ingrato de revisão. O revisor anônimo, na verdade, não era tão hábil como Euclides pensava. Entretanto, como

a carta sugere, o escritor estava assoberbado de trabalhos e com certeza com a cabeça ainda mais ocupada de problemas familiares. Não havia paz nem concentração que tanto pedem os livros nesses momentos finais de execução. Passaram muitos outros erros que o ms nos ajudou a descobrir e que até agora não foram corrigidos, prejudicando os vários sentidos do texto: rematam-nas prodígios em vez de rematam-nas em prodígios (À margem da história 8); função destruidora exclusiva em vez de função destruidora exclusivamente erosiva (À margem da história 11); delindo-se em vez de diluindo-se (À margem da história 12); The Amazons... em vez de Brazil. The Amazons... (À margem da história 13); à ficção do direito em vez de à ficção do direito internacional (À margem da história 14); Furtado de Mendonça em vez de [Francisco Xavier de] Mendonça Furtado¹⁶ (À margem da história 20); e muitos outros, cujo seguir apontando seria enfadonho e até mesmo fatigante para o leitor.

Não faltariam, é certo, vários exemplos ademais dos problemas textuais que pudemos demonstrar neste breve exame sobre a complexidade dos arquivos. Afinal, ao chegarmos ao cabo desta tarefa ficamos ainda com a sensação de que ainda era preciso explorar outras zonas do fascinante mundo deste tipo de pesquisa. Todavia, esperamos que, com as mostras que oferecemos, o leitor possa dar conta das muitas dimensões que o paciente trabalho de arquivos exige. Retornando a Foucault, penso como ele que os arquivos também revelam "the rules of a practice that enables statements both to survive and to undergo regular

modification" (Foucault, The Archaelogy 130). Acrescentaria ainda que os arquivos também revelam outra prática, a da humildade do saber, que por ser infinito, obriga-nos a respeitar o seu lugar de origem e a ser ainda mais conscientes da sua importância cultural, histórica e literária.

- de Acuña, Cristóbal. Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonoas. Madrid: Imprenta del Reyno, 1641.
- Albertazzi, Edgar Henrique. "Memórias" (notas manuscritas). Biblioteca do Centro de Estudos Baianos (Núcleo "Os sertões"), Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.
- Amory, Frederic. Euclides da Cunha: uma odisseia nos trópicos. Trad. Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

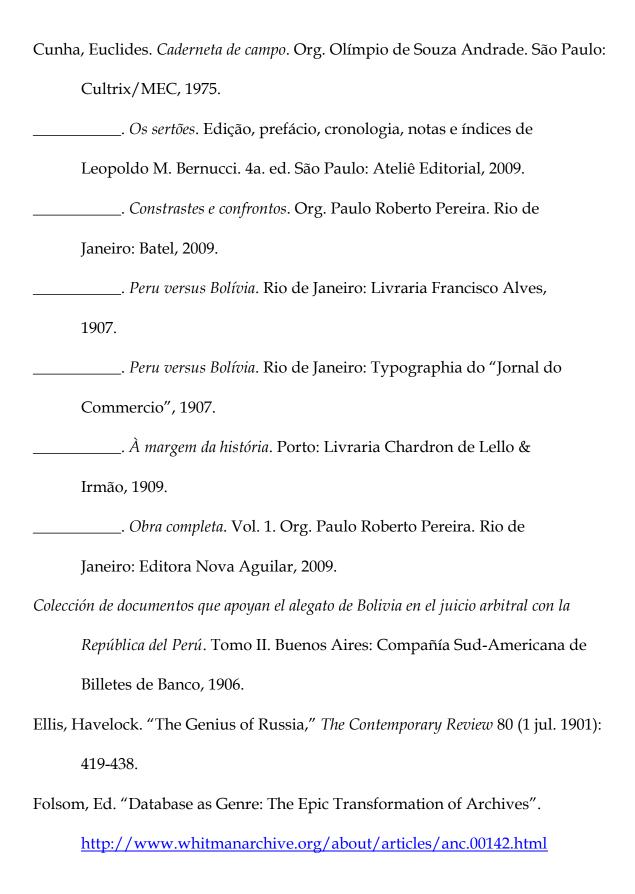
Arinos, Afonso. *Os jagunços*. In *Obra completa*. Rio de Janeiro: INL, 1968.

Benjamin, Walter. "Theses on the Philosophy of History" in *Illuminations*. Ed. by Hannah Arendt. New York: Schocken Books, 1968, p. 253-264.

- Bernucci, Leopoldo M. A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: Edusp, 1995.
- Bernucci, Leopoldo M. e Francisco Foot Hardman. Euclides da Cunha. Poesia reunida. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

Brito, Febrônio. *Minas Gerais* (MG) 3.2.1897 ______. Jornal de Notícias (Bahia) 6.2.1897 ______. In Henrique Duque-Estrada Macedo Soares, A guerra de Canudos. Rio de Janeiro: Philobiblion/Brasília, INL, 1985; 34-37.

Borges, Jorge Luis. Borges en Sur (1931-1980). Org. Sara Luisa del Carril e Mercedes Rubio de Socchi. Buenos Aires: Emecé, 1999.



Foucault, Michel. *The Archaelogy of Knowledge & the Discourse of Language*. Trad.

By A. M. Sheridan Smith. New York: Pantheon Books, 1972.

Jornal de Notícias (Bahia) 3 fev.1897.

LaCapra, Dominick. *History & Criticism*. Ithaca/London: Cornell UP, 1985.

Manoff, Marlene. Theories of the Archive from Across the Disciplines. Libraries and the

Academy, vol. 4, 1 (2004): 9-25.

Mapa de Guillaume de L'Isle:

http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~2930~3100

82:-Composite-of--Carte-de-la-Terre-Fe

Oliveira Martins, Joaquim Pedro. *Quadros das instituições primitivas*. Lisboa:

Livraria Bertrand, 1883; ou As raças humanas e a civilisação primitiva, tomo

II, Lisboa: Parceria António Maria Pereira Livraria Editora, 1905.

Sighele, Scipio. La Foule criminelle. Trad. de Paul Vigny. Paris: Félix Alcan, 1892.

[&]quot;Database as Genre: Folsom, The Epic Transformation of Archives". http://www.whitmanarchive.org/about/articles/anc.00142.html

² Ver este texto en Borges en Sur (1931-1980). Org. Sara Luisa del Carril e Mercedes Rubio de Socchi. Buenos Aires: Emecé, 1999, p. 24-27.

³ O critério adotado para esta lista levou em consideração a circulação dos livros do autor. Os seis itens arrolados correspondem às obras do autor publicadas e que circularam, e ainda circulam, entre seus leitores. Por isso, deixamos de lado o Relatório da Comissão Mista (1906), por tratar-se de publicação oficial e de circulação restrita.

⁴ Ver Frederic Amory, Euclides da Cunha: uma odisseia nos trópicos 38.

⁵ Para uma visão mais completa de seu romantismo, ver Bernucci e Foot Hardman, Euclides da Cunha - Poesia completa. São Paulo: Editora UNESP, 2009; p. 25-44.

⁶ Ver meus comentários e informações sobre as fontes consultadas por Euclides em *A imitação dos* sentidos (p. 226-237).

⁷ Joaquim Pedro Oliveira Martins, *Quadro das instituições primitivas* (Lisboa: Livraria Bertrand, 1883) ou As raças humanas e a civilisação primitiva, tomo II, Lisboa: Parceria António Maria Pereira Livraria Editora, 1905. Diga-se de passagem que a expressão latina, escrita corretamente na Caderneta, passou para Os sertões e ali se transformou em todas as três primeiras edições e outras modernas em sine calcii linimeti. Ver meus comentários sobre este assunto em E. da Cunha, Os

sertões, Ed. Leopoldo M. Bernucci p. 369, nota 1. ⁸ Comparem-se os textos:

Quadros das instituições primitivas

[...] assim as choças do pele-vermelha, cônicas, com um esqueleto de pau coberto, não de folhas, mas já de peles. (109)

As habitações, na evolução dos tipos, são o mais eloquente documento e a realização mais pronunciada da personalidade do homem (101) [...]

Entre os gauleses que César encontrou, ainda os havia absolutamente trogloditas; mas a casa ordinária consistia em cabanas cônicas de ramos de árvores cobertas da terra amassada, com um orifício ao centro para as exalações. (103)

[...]

Por outro lado, no wigwam, do pele-vermelha, nas cabanas dos negros africanos, nos velhos tugúrios dos pastores da Apulia e do Samnio, acham-se sintomas de uma transição da vida nômada para a fixa. (110)

[...]

A casa primitiva da Itália parte do átrio, que é o lugar sagrado onde se praticam os sacramentos do banquete e do amor, onde estão a mesa e o leito e os deuses. Era de madeira essa casa, coberta com um teto pontiagudo de palha ou ripa, quadrada com uma abertura no alto para saída do fumo e entrada da luz. Sob este teto negro (atrium) cozinhava-se, comia-se: aí entre a mesa e o leito nupcial, em frente dos deuses, o chefe da família recebia os hóspedes, enquanto a matrona fiava sentada no chão no centro do círculo das suas domésticas. Não havia pórtico: o espaço descoberto entre a porta e a rua chamava-se vestibulum, ou vestiário, porque aí o romano punha a toga para sair para o foro. (119-20)

Caderneta de campo

As edificações, na evolução de seus tipos são o mais eloquente documento e a objetivação mais pronunciada da personalidade do homem (156)

Entre os gauleses de César a casa consistia em cabanas de árvores cobertas de terra amassada com um orifício no centro pa. as exalações... (156)

[...]

No wigwam do pele-vermelha já há uma transição da vida nômade para a fixa. (156)

A casa primitiva da Itália: parte do átrio, lugar sagrado onde se praticam os sacramentos do banquete e do amor, onde estão a mesa e o leito e os deuses. Era de madeira coberta com um teto pontiagudo de palha ou ripa, quadrada com uma abertura no alto para entrar a luz e sair o fumo. No atrium cozinhava-se, comia-se aí, entre a mesa e o leito nupcial o chefe da família recebia os hóspedes, enquanto a matrona fiava sentada no chão no centro do círculo das suas domésticas. Não havia pórtico: o espaço entre a porta e a rua era descoberto chamava-se vestibulum, ou vestiário, porque aí o romano punha a toga ao sair pa. o foro. (157)

⁹ As duas edições a que me refiro são: Euclides da Cunha, Caderneta de campo. Introd., notas e comentários por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Editora Cultrix, 1975; e Euclides da Cunha, Caderneta de campo. Org. Olímpio de Souza Andrade. Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2009.

¹⁰ Ver Bernucci, *A imitação*, p. 51-64.

¹¹ Em Ellis a tese é apresentada desta maneira: "it will not henceforth be much more than this, for

the centres of life are tending to pass from this side of the world to the other, and the Pacific, surrounded by Russia, Japan, Australia and America, will wash the shores of all the youngest and most vigorous countries in the world, without one exception" ("The Genius of Russia" 431).

- ¹² Note-se que a versão mais recente de *Peru versus Bolívia* na *Obra complete*, vol I, de Euclides da Cunha, herdou também estes erros. Ver a p. 369.
- 13 Na ed. da Livraria Fco. Alves, a forma verbal tem outra grafia, aparentemente, correta na época: traduzio-se. Portanto, como regra de ortografia, traduziu-se, na edição da Typ. do "Jornal do Commercio" estaria fora da norma.
- ¹⁴ A expressão "curiguerés" aparece no cap. LXIII, p. 30 do livro de Acuña, *Nuevo descubrimiento* del gran rio de las Amazonoas. Madrid: Imprenta del Reyno, 1641.
- ¹⁵ Transcrevo a grafia de Gillaume de L'isle tal como aparece no seu mapa.
- ¹⁶ Trata-se do irmão do poderoso Marquês de Pombal.